

ENCANTOS E DESENCANTOS DA ESCOLA

A Escola teve que importância para mim, e quais as lembranças que trago na minha história desse espaço? O desafio de fazer uma retrospectiva acerca da minha vida de estudante da educação básica mexe com as emoções, revivendo as lembranças das pessoas com quem eu convivi, das quais algumas hoje não estão mais entre nós. Mas é necessário que ultrapasse esse subjetivismo e registre esse memorial, tendo como base, o sentido da Escola para mim, reflexão pautada nas ideias de Charlot (2000).

Calei-me ante a mim mesma e mergulhei na minha história, iniciada na cidade sertaneja de Conceição, nos idos de mil novecentos e sessenta e seis, quando, menininha, com três aninhos, adentrei, pela primeira vez, num espaço para mim estranho. Mas a recepção ali me deixou à vontade, uma vez que me tornei o centro das atenções, acolhida no colo daquela que seria minha professora. Fortalecida na minha autoestima, demonstrava-se a todos que eu “já sabia ler”. Foi assim que iniciou a minha vida escolar, período que durou até mil novecentos e oitenta e um, ano de conclusão do então curso científico, hoje Ensino Médio.

O breve relato anterior faz crer que a minha passagem pela escola foi então um sucesso. Só que nem tanto! Pelo menos, não considero assim. Embora não tenha, concretamente, vivenciado situação de reprovação ou retenção, não tinha com a Escola uma relação de curiosidade e prazer no campo das ciências ali aplicadas. Outrossim, minha relação de prazer estava nas relações sociais, bem como nas compensações apresentadas pela família, se houvesse um bom desempenho na minha tarefa estudantil.

Portanto, o relato inicialmente, pode ser considerado um começo feliz que fundamentou minha passagem pela educação básica, numa relação estável e relativamente bem sucedida. Relativamente por quê? A escola era apresentada, pela minha família e a sociedade em que estava inserida, como sendo a instituição que daria a possibilidade, como um trampolim, de me proporcionar altos saltos e alavancaria minha saída de uma cidade com poucas oportunidades profissionais, levando-me para centros e cidades maiores, a exemplo da capital João Pessoa, o que realmente aconteceu. A escola, então, era a “tábua de salvação”. Mesmo que frequentá-la não fosse de todo prazerosa, ou que o

que se apresentava ali fizesse de todo sentido, ou que, a priori, os conteúdos não estabelecessem uma relação com o mundo.

E a escola foi de todo ruim? Não! Havia lá aspectos motivadores. Além do já anteriormente citado, havia outros, tais como: a integração com os colegas, a leitura na biblioteca, único lugar onde que havia livros para ler. Qual era, nisso tudo, a minha relação com o saber? Consciente, nenhuma. Os conteúdos e a metodologia nos eram apresentados de forma mecânica, tecnicista. E, como já mencionei antes, sem correlação com o dia a dia ou com “o meu mundo”.

Houve outras aprendizagens que consegui estabelecer por meio das várias atividades não formais, externas à sala de aula, no Grêmio Estudantil, no recreio, as quais considero significativas e construtoras de quem sou hoje. Charlot (2000, p. 47) diz que “um princípio fundamental para compreender-se a experiência escolar é analisar-se a relação com o saber: a experiência escolar é indissociavelmente, relação consigo, relação com os outros (professores e colegas), relação com o saber”.

A escola teve sua importância, sim, principalmente por essas relações afetivas e sociais, mas também por representar a estabilidade e a segurança que lhe eram imputadas no contexto social em que eu estava inserida. Afirmo, no entanto, que a mesma, em sua proposta pedagógica, nunca olhou para mim como sujeito, e se existia alguma especificidade, que se fizesse necessária adaptação curricular ou pedagógica. Ajustei-me à escola e à sua conjuntura. Por isso mesmo, saí dela sem marcas negativas ou traumáticas, mas vivenciei a exclusão de um irmão, e de vários colegas, que, por não se ‘ajustarem’, vivenciaram a experiência do ‘fracasso escolar’ como expressão para exprimir a reprovação, uma questão abordada na pesquisa de Charlot.

Considero, portanto, que vivi na escola uma história de encantos e desencantos e construí, nela, a abertura para o campo do aprendizado, com relações que estabeleci socialmente. E elas garantem que o sucesso seja uma modalidade minha, e não externa a mim.

Referência

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Tradução Bruno Magne – Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 2000.

Maria do Socorro Arruda Diniz Pires
Rede Municipal de Educação - João Pessoa – PB

Maria do Socorro Arruda Diniz Pires

Graduada em Pedagogia e especialista em Supervisão e Orientação Escolar pela Universidade Federal da Paraíba. Professora da Educação Básica I da Secretaria Municipal de Educação de João Pessoa, à disposição da Secretaria de Estado da Educação, ocupando o cargo de gerente operacional do Ensino Fundamental e Médio de Jovens e Adultos. O texto “Encantos e Desencantos da Escola” narra a experiência escolar iniciada em 1965, com o Pré-Primário, e encerrada 1980, ano de conclusão do então científico, hoje Ensino Médio.

E-mail: mariasdiniz@gmail.com

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016